

*Fabiana Lins Browne Rego**
*Glória Maria Monteiro de Carvalho**

O ESTUDO DA SINGULARIDADE DA FALA DA CRIANÇA: A QUESTÃO DA SUBJETIVIDADE DO INVESTIGADOR¹ (Study on children's speech singularity: a matter of researcher's subjectivity)

ABSTRACT

This study investigates echolalia in autism by comparing echolalic children's utterances with those of children with no obstacle in language acquisition. It also intends to investigate the effects that echolalic verbalization causes on the researcher. Two groups of subjects were selected for follow-up: Group A - consisting of children without difficulties in their linguistic course and Group B - consisting of autistic teenagers. The confrontation with blocks of utterances of a certain autistic, despite their echolalic nature, indicated that, in rare moments, there seemed to be connections of parts of those blocks. Such block connections, however, were not enough to be qualified as a move - pointed in Group A children's speech - defragmentation and restructuring of verbal strings. The confrontation between the two groups (A and B) also made it possible to discuss the effects that the echolalic verbalization causes on the researcher.

Key words: Autism. Echolalia. Language Acquisition. Researcher.

RESUMO

Pretende-se investigar a ecolalia, no autismo, comparando-a com produções verbais de crianças que não apresentam obstáculos na aquisição da linguagem, tentando através desse confronto discutir o efeito provocado no investigador. Foram acompanhados dois grupos de sujeitos: o Grupo A - formado por crianças sem dificuldades em sua trajetória linguística e o grupo B - composto por adolescentes autistas. O confronto com as verbalizações de um autista, indicou que, embora se tratasse de blocos ecolálicos, parecia existir, em raros momentos, uma junção de partes desses blocos. Tal junção, entretanto, não chegou a configurar um movimento - apontado na fala das crianças do grupo A - de fragmentação (desestruturação) e reestruturação de cadeias verbais. Esse confronto ainda tornou possível uma discussão acerca do efeito que tais verbalizações provocam no investigador.

Palavras-chave: Autismo. Ecolalia. Aquisição da Linguagem. Investigador.

INTRODUÇÃO

Leo Kanner (1997/1943) descreveu um quadro clínico, a partir de um estudo com onze crianças gravemente enfermas e sua descrição permanece, em alguns aspectos, válida até a atualidade. Em tal quadro clínico, o traço patognomônico do autismo seria a inadaptação no que concerne ao estabelecimento de relações.

* UFPE

¹ Este texto foi produzido a partir de questões levantadas em trabalho apresentado no XIX Jelne (Rego, Lima & Carvalho, 2002), fazendo parte de Projeto de Pesquisa financiado pelo CNPq.

Quanto à linguagem dessas crianças, o referido autor a definia como tendo uma marca de auto-suficiência, sem valor semântico ou caráter de comunicação. Não haveria, portanto, diferença considerável entre aqueles autistas que, de algum modo, verbalizavam e aqueles que apresentavam mutismo.

Ainda no que se refere à linguagem no autismo, Kanner (1997/1943), Lasnik-Penot (1997), dentre outros autores, observaram que as repetições verbais, nos autistas, possuíam um caráter rígido e estereotipado, o que não acontece com a criança que não apresenta esse distúrbio do funcionamento psíquico. Desse modo, *“a fala do autista é um eco de tudo o que já lhe pôde ser dito”* (Kanner, 1943/1997, p. 115). Segundo Lasnik-Penot (1997), as referidas verbalizações não poderiam ser chamadas de repetições, no sentido metapsicológico do termo, uma vez que elas têm a tendência de se tornarem estereotípias. Explicando um pouco melhor, *“essas repetições consistem num esvaziamento do ato, de tudo o que é de um valor pré-simbólico, restando apenas um vestígio de um trabalho humano que apenas começou a acontecer”* (Lasnik-Penot, 1997, p. 16). Pode-se, ainda, dizer que não se poderia falar em repetição, mas sim, em reprodução verbal.

O objetivo geral deste trabalho foi, portanto, o de trazer para o campo da Aquisição de Linguagem, questões colocadas pela investigação das verbalizações, no autismo, destacando o efeito que tais verbalizações provocam no investigador. Tal objetivo se fundamenta na proposta de autores, como por exemplo, Lier-De Vitto (1994), para quem uma abordagem da patologia contribuiria para uma melhor compreensão do funcionamento psíquico do sujeito, justamente, em virtude dos efeitos produzidos pela patologia sobre esse funcionamento.

O ENIGMA DA FALA DA CRIANÇA

Propõe-se que, ao mesmo tempo em que uma abordagem das verbalizações da criança diagnosticada como autista produz efeitos sobre o campo da Aquisição de Linguagem, sob a forma de um surgimento de novas questões, a rigidez daquelas verbalizações se tornaria ainda mais visível, quando nos voltamos para a fala das crianças cujo percurso lingüístico é considerado normal. Para De Lemos (2002), esse percurso se caracteriza como mudanças de posição da criança, numa estrutura em comparecem três pólos: a fala do outro, a língua e a própria fala da criança, sendo cada uma das posições caracterizada pelo predomínio de um desses três pólos sobre os outros dois. Assim, colocando muito sucintamente, numa primeira posição, a fala da criança seria constituída

por fragmentos da fala do outro (mãe), fala essa que estaria predominando, nesse momento. Numa segunda posição, estaria predominando o funcionamento estrutural da língua, ou seja, cadeias verbais se aproximariam (metonimicamente) na fala da criança e se cruzariam, havendo substituição (metafórica) de significantes, em alguns pontos dessas cadeias. Tais cruzamentos poderiam, então, dar lugar ao aparecimento de erros. Uma terceira posição seria marcada, empiricamente, pela diminuição dos erros e, dentre outras manifestações verbais, pelo aparecimento de pausas, hesitações correções e auto-correções, o que estaria indicando a fala da criança como sendo o pólo dominante.

Recortando a segunda posição, a qual nos interessa mais de perto, vale destacar que os erros produzidos pela criança podem ser previsíveis – a partir de uma regra ou padrão lingüístico, como é o caso do uso de *fazi*, em vez de *fiz* – ou imprevisíveis. Esses últimos foram concebidos por Lemos (2002) como um efeito de enigma, ou efeito de estranhamento provocado, no adulto, pela fala da criança. Trata-se de combinações imprevisíveis, pouco comuns, de significantes e, nesse sentido, tornam, especialmente, visível a singularidade da fala da criança, ou seja, a diferença que tal fala representa – em relação ao falante/adulto – em seu momento de mudança. Foi esse tipo de enigma/produção estranha que se recortou da manifestação verbal do sujeito que não apresenta dificuldades em seu percurso lingüístico.

No que diz respeito ao autismo, seriam as verbalizações reprodutivas/ecolálicas que, de modo especial, provocariam um efeito de estranhamento no outro, embora, ao que tudo indica, esse efeito possua um caráter bem diferente daquele mencionado acima. Talvez se pudesse pensar num efeito de estranhamento produzido por uma reprodução verbal (ecolalia) que excluiria o outro, conforme a concepção de Jeruzalinsky (1984), o que, por sua vez, implicaria em conceber o autismo como um obstáculo à aquisição da linguagem.

Nesse sentido, especificando um pouco mais o objetivo geral deste trabalho, pretende-se confrontar as produções verbais ecolálicas do autista com o enigma ou produção verbal estranha da criança que não apresenta obstáculo em sua trajetória lingüística, discutindo o efeito que essas verbalizações provocam no investigador.

Para atingir o objetivo proposto, foi constituído um *corpus* a partir de dois grupos de sujeitos (A e B). O *Grupo A* é composto de gravações em áudio de uma díade (mãe-filho), fazendo parte do Banco de Dados do Projeto de Aquisição de Linguagem do Instituto de Estudos da Linguagem–IEL/UNICAMP. A criança é do sexo feminino e estava com um ano e dois meses quando se iniciaram as gravações as quais ocorreram semanalmente, estendendo-se por três anos. O

Grupo B é constituído por um acervo de registos em vídeo de cinco adolescentes – diagnosticados como portadores de autismo – com idade média de doze anos e de ambos os sexos. Foram filmadas, quinzenalmente, durante trinta minutos, em média – sessões de terapia em grupo (numa Instituição especializada no atendimento de autistas, na cidade de Recife), das quais também participavam duas terapeutas e uma estagiária. Vale ressaltar que foi feito um recorte da fala de um dos adolescente pela peculiaridade da sua linguagem, predominantemente, ecológica.

LEVANTAMENTO DE QUESTÕES SOBRE OS BLOCOS VERBAIS ECOLÓGICOS

De um modo geral, num primeiro olhar sobre os dados, pôde-se observar que as verbalizações de Pedro eram, visivelmente, marcadas pelo carácter rígido e estereotipado já referido por Kanner (1997/1943). Essa rigidez se traduz numa produção ecológica caracterizada por reproduções verbais insistentes que aparecem como um *eco* da fala do outro. Tais reproduções, por sua vez, surgem como blocos que fecham o dizer do autista, no sentido de que não permitiriam a entrada do outro, como pode ser apontado no exemplo abaixo:

Episódio 1 (P = Pedro – nome fictício de adolescente autista; T = terapeuta)

T: Botar brinco, cortar cabelos.....

P: *Vidróóó. Viiiidro. Vriiidroóóóó*

P: *Luítza, Luítza*

T: Chama pedro para brincar. Chama João para brincar.

P: *Vrúdo. Vídroo...*

P: *Vrúido. Vídroo. Vrúdo. V'vídroo. O vidro do carro. Viiiidroooooo, vídro, vidro, vidro*

Ao que tudo indica, a verbalização ecológica do autista (*vidro*) estaria se constituindo como uma barreira às tentativas de entrada da terapeuta. Em outras palavras, essa ecolalia estaria funcionando como uma maneira de excluir o outro, segundo a proposta de Jeruzalinsky (1984). Tais reproduções, por sua vez, ocorrem, em grande parte das vezes, desvinculadas do contexto, ou seja, daquilo que configura a sessão. Por exemplo, no episódio 1, o tema discursivo da sessão era a montagem de uma peça teatral e se falava sobre quem seriam os atores e atrizes. No entanto, Pedro insistia em reproduzir o termo *vidro* e não respondia às tentativas da terapeuta de fazê-lo entrar no discurso da brincadeira, portanto no circuito da linguagem. Vale ressaltar que o primeiro olhar sobre os dados de Pedro nos levou a uma espécie de subordinação à sua fala ecológica, de modo que se tornou difícil fazer uma outra leitura. Tudo parecia indicar que aqueles

dados ratificavam a descrição de Kanner no seu artigo de 1943: tudo parecia caótico, intraduzível e sem sentido. A fala parecia cristalizada, rígida e causava, nas investigadoras, um sentimento de estranhamento que não era traduzível em palavras.

No constante retorno aos dados, entretanto, pôde-se apreender um aspecto intrigante o qual merece ser apresentado e discutido, neste momento. Trata-se da observação de que, no meio de uma verbalização marcada pela rigidez e estereotipia, havia indícios de um certo deslocamento nos blocos verbais. Em outras palavras, percebeu-se que, em alguns momentos, a criança parecia realizar um deslocamento e uma *junção de blocos*, isto é, de certo modo, parecia haver algum tipo de cruzamento de blocos.

Mas, de que forma ocorreria esse cruzamento?

O extrato abaixo parece poder ilustrar uma tal suspeita de cruzamento:

Episódio 2

P: O relógio, o relógio Tá tudo quebrado

P: Tá tudo quebrado

T: O relógio não está quebrado não.

O carro quebrou, o carro de mainha quebrou

P: O carro quebrou

P: O carro quebrou

T: O carro quebrou

P: O carro todinho

T: O carro da sua mãe não quebrou e você vai deixar de vir prá cá não.

P: O carro tá tudo quebrado.

T: Tá nada

P: Quebrou

P: O carro quebrou

P: Tá tudo quebrado

Nesse momento, Pedro desloca a expressão *tá tudo quebrado* – usada em várias outras ocasiões – e faz uma cisão na expressão ecológica *o carro/quebrou*, realizando o que se poderia chamar de uma recombinação desses blocos, tendo como resultado uma expressão estranha *O carro tá tudo quebrado*. O interessante é que, embora haja uma indicação de movimento na fala de Pedro, ainda não se pode falar em mobilidade; a linguagem ainda é rígida, como se os blocos tivessem se movimentado e se juntado – carregando sua marca de rigidez – formando uma nova expressão, diferente daquelas, normalmente, encontradas na sua verbalização.

Pode-se perguntar: não se estaria, então, diante de um paradoxo – uma *mobilidade rígida*?

Mobilidade, porque Pedro parece conseguir quebrar os blocos fazendo

uma recombinação, porém rígida, pois o resultado dessa operação ainda possui um caráter rígido. Outro exemplo permite ilustrar o exposto:

Episódio 3

T: Ah tu queres aprender Pedro.

P: Quebrou o carro de mainha quebrou

T: Oh Liliane, toda vez que Pedro fala, do jeito que ele fala, da vontade dele de aprender a dirigir esse carro do pai e da mãe, ele vem logo com essa história de quebrar o carro.

(.....)

P: Quebrou o carro, o carro tá tudo quebrado, quebrou Pedro quebrou, de jeito maneira

Novamente, no episódio 3, Pedro faz a mesma junção do episódio 2; no entanto ele inclui a expressão *de jeito maneira* a qual é recorrente em sua verbalização, produzindo uma espécie de desarmonia na frase. Essa desarmonia estaria, portanto, indicando aquilo que estamos chamando de *junção de blocos*, ou melhor, uma *não fragmentação* e *não reestruturação* de partes de cadeias verbais produzidas anteriormente.

A FRAGMENTAÇÃO COMO MARCA DA DIFERENÇA

Com base no que foi discutido acima, o caráter de rigidez da *junção de blocos* parece não permitir, ainda, a entrada da fala do outro, retendo a marca de exclusão que seria característica dos blocos verbais. Em contraposição às referidas junções, pôde-se observar, na criança que não apresenta um obstáculo na sua aquisição da linguagem – especificamente, no que diz respeito às produções que causaram estranhamento – a característica de fragmentação e de reestruturação de significantes, através de processos metonímicos e, sobretudo, metafóricos, conforme apontado por De Lemos, (2002). Veja-se, por exemplo, o extrato abaixo:

Episódio 4 (C – 2;0.15)

C: Qui, Qui, Qui, aqui é sagadu. Qui o tio Marcio?

M: O tio Mácio tá guiando o carro.

C: Tá?

M: Tá.

C: A tia Lílian tá Qui, guiando o carro?

M: Não. A tia Lilian tá conversando cum tio Márcio.

C: Onde ela tá? Onde, ela tá fazendo?

A característica de fragmentação das cadeias verbais produzidas, anteriormente (quer pela mãe, quer pela criança), teria permitido, portanto, que a criança estabelecesse relações, fizesse articulações entre as palavras e frases, ou seja, aproximasse cadeias (metonímia) e substituísse significantes, nessas cadeias (metáfora). Pode-se perceber que a criança realiza uma desestruturação das cadeias verbais presentes na fala da mãe para, posteriormente, reestruturá-las, tendo como resultado uma produção estranha, singular, de caráter equívoco.

A partir desse momento, levanta-se um questionamento: o que, de fato, caracterizaria as produções estranhas dessas crianças (como, por exemplo, no episódio 4) e o que as tornaria diferentes daquelas produzidas por Pedro?

A tentativa de resposta poderia estar relacionada a essa característica de fragmentação que parece permitir, à criança, fazer verdadeiras transformações nas cadeias verbais do outro (falante). Desse modo, a fragmentação permitiria o equívoco, ou seja, a possibilidade daquela produção assumir vários significados, o que parece não acontecer com a verbalização do autista, mesmo quando, nela, têm lugar deslocamentos e junções.

O INVESTIGADOR DIANTE DAS VERBALIZAÇÕES ECOLÁLICAS

Poderíamos não ter avançado nessa discussão se nos cristalizássemos na concepção clássica de ecolalia: *palavras ouvidas e repetidas como papagaio* proposta por Kanner (1997/1943). Poderíamos até mesmo reproduzir, *ecolalicamente*, o que nos disse esse autor, já que foram encontradas, em Pedro, produções que corroboravam aquilo que, normalmente, entende-se por ecolalia e por funcionamento autístico. O confronto com a criança considerada normal também tornou mais evidente o efeito patológico da ecolalia. No entanto, tal confronto nos permitiu enxergar um movimento na fala de Pedro, que nos indagou e, de certa forma, surpreendeu. Assim, pudemos fazer algumas considerações acerca do que acontece com o investigador que pretende estudar a linguagem do autista.

Em primeiro lugar, poderíamos pensar que, por seu caráter de rigidez, a ecolalia, via de regra, não é acolhida como fala e, conseqüentemente, a criança autista não é reconhecida como falante pelo investigador. Em outras palavras, podemos dizer que entraria em curso um processo de negação radical que ratifica a idéia de que os autistas são seres sem linguagem e inacessíveis aos contatos humanos. Tais idéias poderiam atravessar o imaginário do investigador que se defronta com o autismo, levando-o a uma expectativa negativa que cristalizaria essa linguagem num lugar de impossibilidade. Dessa forma, pode-se sugerir que o investigador que pretende investigar a fala de uma criança autista precisaria se despir, ao máximo, dos conceitos pré-estabelecidos acerca do autista e do seu funcionamento lingüístico, devendo estar preparado para o novo.

Segundo Frithz (1995, apud Tafuri, 2003), atualmente, a grande maioria dos autores cognitivistas considera difícil avaliar a competência lingüística das crianças autistas porque, em alguns momentos, elas demonstram um grau surpreendente de competência lingüística, como se fosse por acidente. Dessa forma, poderíamos supor que tais acidentes podem ser, na maioria das vezes, ignorados pelos pesquisadores, ou seja, relegados a um lugar desprovido de valor, isto é, fora do olhar do investigador. Lemos (2002) nos mostrou que a psicolingüística higienizou a fala da criança em fase de aquisição de linguagem, deixando de fora aquilo que ela chama de resto (as produções imprevisíveis), ou seja, produções que não deixariam claro que a criança estaria respondendo a um padrão estrutural da língua e que não se curvam à demanda de regularidade do saber. Ao que parece, no campo de estudo da linguagem da criança autista, houve uma espécie de higienização às avessas: essas supostas competências são postas de lado e se trabalha em cima daquilo que é irregular. Em outras palavras, o olhar incide sobre aquilo que essas crianças não têm. Podemos refletir que o investigador, que se defronta com a linguagem do autista, deveria se dispor a acolher a possibilidade do imprevisível da competência lingüística na sua fala. Poderíamos supor, ainda, que, no autista, a competência se torna o próprio imprevisível, pois ela emerge numa fala de onde só esperávamos insuficiência, falta e deficiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vale destacar que, a partir do confronto que se tentou fazer, neste trabalho, não se poderia negar a proposta de Jeruzalinsky (1984), segundo a qual as verbalizações do autista excluem o outro, nem tampouco se pretende propor que esse sujeito tenha, de fato, sido *capturado pelo equívoco*. Mas, certamente, os movimentos vislumbrados, na verbalização de Pedro, parecem apontar para algo, isto é, o aspecto analisado, anteriormente, indicaria, talvez, aquilo que Lasnik-Penot (1997) chamou de *vestígio de um trabalho humano que apenas começou a acontecer*, o qual o investigador deve estar preparado para acolher. Um tal vestígio, contudo, não seria concebido, negativamente, como índice de uma *perda* ou de uma *não aquisição*. Conforme a proposta aqui assumida, trata-se de um vestígio que estaria indicando a positividade de uma aposta, ou melhor, estaria indicando um *movimento evanescente*, o qual, embora não seja suficiente para quebrar os blocos ou rochas das verbalizações do autista, permitiria abrir alguma fenda nesses blocos. Uma tentativa de saída, quem sabe?

REFERÊNCIAS

- DE LEMOS, C.T.G. (2002) Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, 42, 42-69.
- _____. (2001). Sobre fragmentos e holófrases. **Anais do III Colóquio do LEPSI** - Laboratório de Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais sobre a Infância – USP, São Paulo.
- JERUZALINSKY, A. (1984) **A Psicanálise do Autismo**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- KANNER, L. (1997 [1943]) Os distúrbios autísticos do contato afetivo. In: P.S. Rocha, (Org.) **Autismos**. S. Paulo: Editora Escuta, pp.111-170.
- LASNIK-PENOT, M.C. (1997) **Rumo à Palavra: três crianças autistas em psicanálise**. São Paulo: Editora Escuta.
- LEMOS, M.T. (2002) **A Língua que me falta: uma análise dos estudos em aquisição de linguagem**. Campinas: Mercado de Letras.
- LIER-DE VITTO, M.F. (1994) Aquisição da linguagem, distúrbios de linguagem e psiquismo: um estudo de caso. In: Lier-De Vitto (Org.) **Fonoaudiologia: no sentido da linguagem**. S. Paulo: Cortez, pp.135-144.
- TAFURI, M.I. (2003) **Dos sons à palavra: explorações sobre o tratamento psicanalítico da criança Autista**. Brasília, *ABRAFIPP*.
- REGO, F.L.B., LIMA, D.M. & CARVALHO, G.M.M. (2002) **Ecolalia e autismo: uma investigação no campo da aquisição de linguagem**. Trabalho apresentado no XIX Gelne – Jornada de Estudos Lingüísticos. Fortaleza, Ceará, setembro de 2002

